

O seleteo clube da humanidade e algumas ideias para adiar o fim do mundo

Resenha do livro: KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Liz Andréa Dalfré

Professora de História da Universidade Tuiuti do Paraná
Doutora em história pela Universidade Federal do Paraná

Mikael Prodócimo

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná

No dia 23 de janeiro de 2020, o presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro publicou em sua página do Facebook um vídeo, produto de uma de suas periódicas *lives*, onde forneceu declarações relacionadas à criação do Conselho da Amazônia. Segundo ele, “o índio mudou, está evoluindo, cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós” (BOLSONARO, 2020).

Em meio a tantos impropérios vociferados pelos representantes das instituições de poder do nosso país nos últimos meses, a fala do presidente eleito por meio do voto popular nas últimas eleições não nos surpreende. Bolsonaro, assim como milhões de brasileiros, compartilha do imaginário de que as populações indígenas que vivem no território sul-americano fazem parte de um cenário mítico, estilizado, paisagístico, compondo quase que uma tela como aquelas pintadas pelos viajantes europeus do século XIX, cujo propósito era, entre outros, o de representar o exotismo dos trópicos.

O atual presidente da República brasileira homogeniza a grande diversidade de grupos étnicos que vivem em território nacional. Para ele, as comunidades indígenas, assim

como tantas outras, estariam à parte do chamado *clube da humanidade*, expressão utilizada por Ailton Krenak em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019B).

Para discutir esse imaginário, tão bem desenhado aqui pelo presidente da República, repleto de projeções, idealizações e de um grande desconhecimento acerca da história e das inúmeras etnias que vivem em nosso país, vêm a público *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, recentemente publicado pela Companhia das Letras. A obra é composta por três ensaios, em um total de 85 páginas, fruto de duas palestras e de uma entrevista realizadas em Portugal entre 2017 e 2019, em um contexto de grande tensão entre o Estado brasileiro e as comunidades indígenas.

Krenak possui um amplo currículo como ativista dos direitos indígenas, das populações ribeirinhas e de questões ambientalistas. O escritor, de origem Krenak, nasceu na região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais e testemunhou, entre outras catástrofes ambientais, o rompimento das barragens da Samarco Mineração S. A. que ocorreram nos últimos anos e afetaram o território onde vive o seu povo.

De forma geral nos dois primeiros ensaios e, especialmente, no terceiro texto denominado *A humanidade que pensamos ser*, Krenak elabora uma crítica, sempre em um tom carregado de ironia, à ideia ampla de humanidade criada, alimentada e difundida pelo pensamento moderno ocidental.¹ O autor aponta para a existência de um imaginário coletivo alimentado por projeções, imagens e discursos sobre o que é a Terra e a humanidade, todavia excludente em sua amplitude já que não abarca todas as sociocosmologias. Como ponto central desse debate, Krenak utiliza a expressão *clube da humanidade* para fazer referência à idealização do conceito de humanidade, às inúmeras violências justificadas em nome dela e à existência de um seletto grupo de indivíduos que estaria apto a compartilhar dos seus benefícios em detrimento de outra grande parte da sociedade.

O conhecimento e as epistemologias indígenas permanecem do lado desvalorizado da linha abissal. Neste sentido, a ideia de *clube da humanidade* pode ser relacionada com as proposições de Boaventura de Sousa Santos, um importante interlocutor de Krenak. Para Santos (2010, p. 31-32), o pensamento hegemônico ocidental criou uma linha imaginária invisibilizando o outro colonial. Ao defender um princípio de universalidade, ao deter o monopólio da distinção universal entre o verdadeiro e o falso, o pensamento abissal tornou os conhecimentos populares, leigos, indígenas inexistentes como conhecimento válido (SANTOS, 2010, p. 31-32).

O título do livro e do primeiro ensaio *Ideias pra adiar o fim do mundo* consiste em uma provocação relacionada ao mito da sustentabilidade criado e difundido por corporações e mineradoras para justificar o assalto e o desrespeito à natureza e aos grupos que vivem em conexão com ela. No ensaio, o autor se pergunta: desenvolvimento sustentável para quê? O que é preciso sustentar? (2019, p. 33). Para Krenak, os discursos de sustentabilidade costumam separar Terra, natureza e humanidade, como se tal separação fosse possível. Seguindo essa orientação, o texto se encaminha para a defesa de uma ligação entre esses três elementos, impossível de ser rompida já que vivemos no planeta e interagimos o tempo todo com a natureza.

O pré-requisito para se entrar no *clube da humanidade* é compartilhar dos valores daquilo que poderia ser identificado como o *humano* por excelência. A categoria humano é reduzida e somente contempla, nessa perspectiva, aqueles que compartilham determinados conceitos de mundo – um deles sendo a separação entre *humano* e *natureza*. Tal separação projeta os humanos como agentes e, ao mesmo tempo, transforma a natureza em mercadoria e objeto a ser modificado por esses mesmos *humanos*. Grupos que divergem desse modelo sociocosmológico e contemplam outras categorias e modos de falar sobre humanidade e natureza são barrados e, “por terem um ritmo estranho”, são impedidos de dançar a “dança da humanidade” (KRENAK, 2019, p. 70).

O segundo ensaio denominado *Do sonho e da terra* toca em pontos relacionados a essa abstração chamada de *humanidade*. Conforme o ensaio, nesta concepção ocorre a exclusão dos demais seres da natureza e os seres humanos são alçados a um lugar privilegiado. Em detrimento dessa perspectiva, o autor enfatiza, ao longo de todo o livro, a conexão entre os seres humanos e a natureza. O escritor demonstra como os dois elementos se encontram entrelaçados, como o desvencilhamento dos dois termos é uma impossibilidade.

O terceiro ensaio também vai nesta direção. Fruto de uma entrevista concedida em Lisboa em 2017, em *A humanidade que pensamos ser*, Krenak enfatiza a crença social coletiva da distinção entre Terra e humanidade, ideia que representa a marca mais profunda do Antropoceno. Aqui é estabelecida uma relação entre o feminino, o masculino e a noção de criação (KRENAK, 2019, p. 61). Segundo o autor, nas mais diversas mitologias de fundação, a Terra sempre aparece associada à imagem da mãe, representada como bela, farta, perfeita. Por outro lado, a imagem do pai é requisita nestas narrativas para demonstrar a destruição e a dominação. Krenak aponta, ainda neste ensaio, para a existência de uma noção de abstração, de unidade, que seria o homem, tomado como

medida para todas as coisas. No interior dessa concepção, o autor identifica dois mundos em confronto. De um lado estão os *muito-humanos*, detentores do controle do planeta, que o utilizam como mercadoria e relegam à margem o outro lado, os *quase-humanos*, são estes “milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada [...]. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida.” (KRENAK, 2019, p. 70).

Para Marisol de la Cadena (2018), os desentendimentos entre os grupos ribeirinhos e/ou indígenas e as mineradoras interessadas em explorar o solo onde vivem alguns desses grupos, são gramaticais. A pesquisadora analisa interesses e visões de mundo conflitantes na região amazônica do Peru: de um lado estão as corporações extrativistas e o Estado com a missão civilizatória que busca a objetificação da natureza em recursos; do outro lado estão os grupos ribeirinhos e indígenas como os Awajun Wanpi – grupos descritos pela pesquisadora como apresentando uma ideia de cultura e natureza (humanos e não humanos) que não rivaliza, ao contrário, que são compreendidas como parte de um emaranhado indissociável.

De la Cadena (2018) faz uso do conceito de *antropo-cego*, em referência ao termo antropoceno, contexto mais recente do planeta, no qual a espécie humana engendrou uma ameaça sistemática ao meio ambiente e à Terra de forma geral. O termo cunhado pela antropóloga abarca tanto o antropos que anda ereto (os que separam natureza de cultura e humanos de outras espécies e coisas), como também inclui grupos desobedientes (estes apresentam uma concepção mais emaranhada da relação entre humanos e não humanos, que não poderia ser desvinculada). O *antropo-cego* descrito pela antropóloga, versa sobre uma guerra silenciosa que busca erradicar todas as entidades e práticas divergentes do que se convencionou definir como *humano* na concepção hegemônica e força aqueles que estão às margens a se adaptarem a esse projeto de *humanidade*. Neste sentido, para de la Cadena (2018), apesar de abarcar ambos os grupos, o *antropo-cego* inclui um antagonismo constante entre eles devido à guerra silenciosa que consiste em práticas de um extermínio organizado (ainda que não necessariamente físico) dos grupos desobedientes, como são consideradas as nações indígenas pelo pensamento ocidental hegemônico. Neste sentido, a cegueira é o cerceamento e combate aos grupos desobedientes, suas concepções e práticas, ainda que muitas vezes aparente uma receptividade às diversidades.

As concepções divergentes de cultura e natureza entre os grupos citados por De la Cadena (2018) são centrais para uma compreensão da gramaticalidade dos conflitos que vêm ocorrendo, uma vez que cada comunidade se posiciona a partir dos seus próprios

termos e Krenak nos chama a atenção para esta questão, enfatizando como os termos de referência ganham novo sentido quando observados a partir de cosmologias outras que não o discurso pregado pelo pensamento ocidental moderno.

Enquanto o *clube da humanidade* separa cultura de natureza e possibilita a objetificação de um território, nações indígenas, grupos ribeirinhos e outros povos entendem a cultura como codependente dos não humanos e a vida como um emaranhado de humanos com o resto ao seu redor.

A suposta benevolência de um Estado que quer a “evolução” de um grupo que possui termos distintos de compreensão do mundo e com outras propostas de existência que não a deles próprios se consolida em agressões silenciosas que descambam em embates públicos, como no caso citado por De la Cadena (2018), de confrontos entre indígenas e forças policiais no Peru ou mesmo no caso brasileiro com o exemplo de várias lideranças indígenas mortas em conflitos no campo.

A concepção de conexão presente no livro *Ideias para adiar o fim do mundo* está relacionada à forma como o povo Krenak se autorrepresenta. Um exemplo é o significado da expressão “Krenak”: kre (cabeça) e nak (terra), cabeça da Terra. Essa etimologia corrobora o vínculo defendido pelo autor entre a sua etnia e a natureza. A Terra é compreendida, nesta cosmologia, como a grande mãe e os elementos naturais como os rios e as montanhas fazem parte dessa família. Ao despersonalizarmos esses elementos, segundo Ailton Krenak, os transformamos em produtos passíveis de serem explorados economicamente e alteramos a qualidade das relações com o mundo em que vivemos. Para esta cultura, os elementos da natureza são personalizados e não entendidos como um recurso, a exemplo do rio Watu, compreendido como o avô dos Krenak. A destruição do rio pelo rompimento das barragens é sentida como a morte ou a doença de um familiar, por isso o lamento das populações indígenas sobre o coma vivenciado no contexto atual pelo Rio Doce.

Para Santos (2010, p. 40), um dos paradigmas do pensamento moderno ocidental é a ideia de apropriação/violência, por meio da qual o pensamento abissal possibilita que ocorra a incorporação, a assimilação, a destruição material, cultural e humana dos conhecimentos e grupos pertencentes ao outro lado da linha, sempre em nome dessa *humanidade* considerada a única possível. Questão essa exemplificada na fala do presidente Jair Bolsonaro, ao enfatizar a necessidade de “fazer com que o índio cada vez mais se integre à sociedade” (BOLSONARO, 2020). Esse pensamento, tão recorrente ainda no

senso comum brasileiro, reforça o argumento de Krenak ao mesmo tempo em que demonstra a permanência da linha abissal.

Utilizando referências como Eduardo Viveiros de Castro e Eduardo Galeano (além do já citado Boaventura de Sousa Santos), *Ideias para adiar o fim do mundo*, como indica o título da obra e seu primeiro ensaio, sugere a suspensão do céu, em uma clara referência a Davi Kopenawa (2015). Como resistência à ampla ideia de *humanidade*, Krenak enfatiza que é sempre possível prorrogar o fim do mundo por meio do fluir da vida e da ampliação dos horizontes existenciais. A suspensão do céu, em sua interpretação, significa prorrogar o fim do mundo, contar mais uma história. Para o autor, a pulsação, a dimensão existencial dos sonhos, o fluir da vida representam a contrapartida e constitui a mais poderosa forma de resistência:

[E]sse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora de gente como “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela. Tem alguma coisa dessas camadas que é quase humana: uma camada identificada por nós que está sumindo, que está sendo exterminada da interface de humanos muito-humanos. Os quase-humanos são milhares de pessoas que insistem em ficar fora dessa dança civilizada, da técnica, do controle do planeta. E por dançar uma coreografia estranha são tirados de cena, por epidemias, pobreza, fome, violência dirigida. (KRENAK, 2019B, p. 69-70).

Outro ponto discutido pelo autor se refere à noção de fim de mundo, desse medo constante que a nossa sociedade sente de cair em um abismo, de uma imensa catástrofe prenunciada por tantos, do grande cataclismo que destruiria o *clube da humanidade*. O que não se considera nestes discursos, e Krenak nos chama a atenção para isso, é o fato de que as populações ameríndias já viveram esse grande fim no contexto da conquista e da colonização da América e, desde então, a guerra é contínua, ela jamais cessou (KRENAK, 2019A).²

Ideias para adiar o fim do mundo fornece uma perspectiva crítica ao pensamento hegemônico ocidental e propõe uma atitude de resistência. A suspensão do céu impede que o mundo acabe de forma iminente, pois possibilita a ampliação dos horizontes, a narrativa de mais uma história, a conjuração de mais uma dança, a orientação para a vivência cotidiana a partir dos sonhos.

Notas:

1. O termo “pensamento moderno ocidental” está sendo utilizado no sentido empregado por Boaventura de Sousa Santos, que o compreende tal como um pensamento abissal, criado pelas relações colonialistas, hegemônico e que se pretende universal. Cria-se distinções visíveis e invisíveis dividindo a realidade social em dois lados. De um desses lados, situa-se aquilo que é considerado compreensível, significante, relevante; e do outro lado, o que é invisível, inexistente, incompreensível para esse mesmo pensamento moderno ocidental. Ver SANTOS, 2010.
2. Conforme afirmou Ailton Krenak em entrevista concedida para o documentário *Guerras do Brasil.doc*.

Referências:

BOLSONARO, Jair Messias. (23/jan/2020). “Live” de quinta-feira com os principais assuntos da semana. Brasília. In: Facebook: Jair Messias Bolsonaro. Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/videos/1025623794472149/>. Acesso em: 16 fev. 2020.

DE LA CADENA, Marisol. “Natureza incomum: histórias do antropoceno”. *Revista Do Instituto De Estudos Brasileiros*, 2018, 69, p. 95-117.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras. 2015.

KRENAK (A), Ailton. “As guerras da conquista”. Episódio 1. *Guerras do Brasil.doc* (documentário). Direção: Luiz Bolognesi. Brasil: Netflix, 26 min., son., color, 2019.

KRENAK (B), Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. “Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 31-83.

Recebido em 06 de junho de 2020.

Aceito em 01 de setembro de 2020.